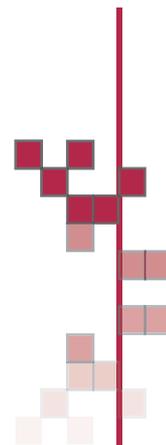


## Resenha



# Marx contra o marxismo doutrinário

## Marx against doctrinal Marxism

Leonardo Octavio Belinelli de Brito<sup>1</sup>  
belinelli.leonardo@gmail.com

SHANIN, T. (org.). 2017. *Marx tardio e a via russa – Marx e as periferias do capitalismo*. São Paulo, Expressão Popular, 383 p.

Publicado nos Estados Unidos pela *Monthly Review* em 1983, *Marx tardio e a via russa*, organizado pelo sociólogo lituano Theodor Shanin, é uma aquisição importante para o debate brasileiro sobre o marxismo. Em primeiro lugar, é simbólico que a tradução para o português tenha surgido a partir da colaboração entre os membros do Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (Lemto-UFF) e os militantes do Movimento de Pequenos Agricultores (MPA). Essa forma de combinação entre interesses acadêmicos e políticos pode ser tomada como inspiração para empreitadas editoriais futuras; afinal, não deve haver dúvidas de que os avanços das perspectivas críticas devem andar juntos com a sua socialização.

Em plano teórico, o livro recolhe textos que tratam de um assunto pouco conhecido entre nós, a saber: a relação entre Marx e o debate da esquerda russa do final do século XIX. No plano da organização do livro, além de conter seis textos densos de estudiosos contemporâneos que tratam dessa virada no pensamento de Karl Marx, o livro – dividido em três partes – ainda colige uma série de documentos referentes a tal debate; por exemplo, contém rascunhos de Marx, bem como as cartas trocadas entre ele e a militante russa Vera Zalusich, o texto escrito por David Riazanov no contexto da descoberta dessa documentação, a carta enviada por Marx ao conselho editorial do *Otechestennye Zapiski*, o prefácio à segunda edição russa do *Manifesto do Partido Comunista* bem como textos e documentos relacionados ao populismo russo. Nesse sentido, *Marx tardio e a via russa* não só permite acesso a alguns documentos antes inacessíveis, como oferece ferramentas para interpretá-los. O alcance dessa combinação deve ser saudado como um passo adiante na reflexão local sobre o assunto.

De maneira mais específica, os variados tipos de textos que compõem o livro tratam, prioritariamente, da evolução do pensamento de Marx, especialmente em sua última fase, a qual foi marcada pela reflexão sobre os dilemas da esquerda russa, especialmente a “marxista”. O problema que deu origem a tal relação assumia importância decisiva para as atividades teóricas e políticas da última, que estavam em polêmica aberta com os chamados “populistas russos”. Entre as questões debatidas pelos dois lados, estava a de saber: quais seriam possibilidades revolucionárias de um país tão arcaico como a Rússia czarista? Como *O capital*, livro que toma o capitalismo concorrencial inglês como modelo paradigmático, poderia ajudar a compreender tal problema?

<sup>1</sup> Doutorando. Universidade de São Paulo. Av. Professor Luciano Gualberto, 315, sala 2047, Cidade Universitária, 05508-900, São Paulo, SP, Brasil.

Esse era o problema que Zasulich colocava em sua carta para o filósofo alemão, datada de 1881. O problema, é bem verdade, não nascia naquele momento; sabe-se que Marx e Engels, em escritos anteriores, haviam adotado posturas simpáticas ao colonialismo, o qual era encarado por eles como promovedor do progresso em zonas de "povos sem história". Essa postura, típica do evolucionismo comum a várias filosofias da história do século XIX, seria revisada pelos autores – e o debate com os militantes russos pode ser tomado como momento decisivo nesse processo, com a carta de Marx ao conselho editorial *Otechestennye Zapiski* (1877) constituindo o seu momento inicial. Na interpretação de Michael Löwy, essa carta revela uma "compreensão da dialética histórica como processo multilinear", da qual se poderia inferir uma "via não capitalista" para o socialismo na Rússia (cf. Löwy, 2013, p. 10). Desse ângulo, a valorização dessa última fase de Marx opera um deslocamento da perspectiva mais disseminada sobre sua trajetória, a qual se assenta na valorização da publicação do primeiro tomo de *O capital* como momento último e máximo de seu pensamento.

Ao ler as apresentações que abrem o livro, o leitor logo percebe o intuito da retomada dessa discussão: trata-se de compreender como Marx e alguns de seus discípulos compreenderam os problemas relacionados à chegada do capitalismo no campo. Esse problema teórico e político abre caminho para uma reflexão mais ampla: o da relação entre a evolução do pensamento de Marx, o(s) marxismo(s) e as formas de interpretar as formações sóciopolíticas dos países da(s) periferia(s) do capitalismo. Até onde podemos perceber, esse é o nexo que ata os problemas debatidos no livro e que, portanto, serve de pano de fundo para algumas das polêmicas travadas nos textos recolhidos na publicação. Muitas questões poderiam ser levantadas a esse respeito; por limite de espaço, nos contentaremos em abordar as principais teses contidas nos textos que interpretam a evolução do pensamento de Marx a partir de seu último momento.

As primeiras delas aparecem no estudo de Teodor Shanin que abre a primeira parte do livro. No texto intitulado "O último Marx: deuses e artesãos", além de expor com concisão as principais características do heterogêneo movimento populista russo, Shanin argumenta que a última fase da reflexão de Marx – entendida como iniciada depois da publicação do primeiro tomo de *O capital* (1867) e terminada com a sua morte (1883) – é marcada por uma reformulação sobre problema do desenvolvimento das sociedades periféricas. Essa fase começaria com a já mencionada indagação de Zasulich, componente do grupo marxista *Emancipação do Trabalho*, sobre as possibilidades revolucionárias da Rússia. Em sua resposta, Marx contrariaria o evolucionismo contido em *O capital* e passaria a adotar uma posição próxima à defendida pelos populistas russos, os quais advogavam que as comunas rurais russas poderiam ser ferramentas importantes para uma revolução socialista em seu país. Em poucas palavras: Shanin argumenta que Marx se posicionou *contra* seus pretensos discípulos russos, então adeptos do etapismo/evolucionismo que afirmava a necessidade de que a Rússia fizesse uma transição ao capitalismo antes da revolução socia-

lista. Por consequência, esse raciocínio dos marxistas reunidos no grupo *Emancipação do trabalho* fazia com que as comunas rurais russas fossem encaradas como arcaísmos que impediam a transição para o modo de produção capitalista, o que por sua vez significaria um consequente atraso para a revolução socialista.

A argumentação de Shanin se assenta sobre a ideia de que, durante a década de 1870, Marx passa a recusar a tese sobre a "acumulação primitiva" do livro I de *O capital*, o que faria com que rejeitasse a tese de que os países "mais adiantados", como a Inglaterra, demonstrariam aos "mais atrasados", como a Rússia, o seu futuro. Ao frisar como o "último Marx" negava essa tese, Shanin critica o processo de enrijecimento do "marxismo doutrinário", começado na Segunda Internacional e consolidado no stalinismo. De outro ângulo: ao destacar a potência das reflexões de Marx sobre as comunas rurais russas, Shanin busca defender um marxismo criativo – isto é, anti-evolucionista, anti-etapista – tal como seria praticado por sua referência principal. No plano político, isso implica, por exemplo, criticar a pretensa prevalência do marxismo soviético – lembremos que o livro foi publicado originalmente em 1983 – sobre outras vertentes de pensamento marxista. Como anota ironicamente o autor, já na geração de Marx "havia marxistas que sabiam mais que Marx o que era o marxismo e estavam preparados para lhe censurar às escondidas para seu próprio bem" (Shanin, 2017, p. 50). Na mesma esteira, Shanin se opõe a duas importantes teses de Louis Althusser (1971, 1975); para o autor, não haveria uma "ruptura epistemológica" no pensamento de Marx, do que resultaria a permanência, embora em outras bases, de uma ética humanista em suas reflexões.

O segundo texto é da lavra de Haruki Wada. Trata-se de um estudo extenso e detalhista sobre o processo de reformulação de Marx e Engels sobre as potencialidades revolucionárias das comunas rurais russas. Essa tarefa é realizada por meio da grande atenção dispensada à periodização dos textos públicos e privados dos autores, cujo objetivo é atestar os momentos-chaves dessas mudanças, com atenção especial para as relações e discussões nos quais estavam envolvidos durante o período compreendido entre 1867, ano de publicação de *O capital*, e 1883, ano da morte de Marx. O texto de Wada constitui referência fundamental para as formulações do artigo de Shanin que glosamos logo acima, em especial no que diz respeito à descoberta de que as posições de Marx e Engels sobre as potencialidades revolucionárias da Rússia czarista não eram exatamente as mesmas, embora, talvez, não se tenham dado conta disso. Wada formula o painel da conformação e da influência do raciocínio dos dois autores: enquanto Marx acreditava na possibilidade de uma revolução socialista russa sem a passagem do país pelo capitalismo, Engels pensava que esse processo só poderia ocorrer se estivesse ligado à revolução proletária no Ocidente.

Já em "O Marx tardio: continuidade, contradição e aprendizado", Derek Sayer e Philip Corrigan partem dos *insights* de Shanin e Wada para ir além deles. Concretamente, os autores buscam compreender os escritos de Marx sobre a Rússia em relação com outros textos escritos por ele depois da publicação do

primeiro volume de *O Capital*. De maneira muito sagaz, Sayer e Corrigan anotam que a conhecida admiração de Marx pela teoria de Charles Darwin tinha como razão principal justamente a recusa que o autor de *A origem das espécies* tinha por qualquer teleologia. Em outras palavras: a evolução das espécies ocorreria de maneira fortuita – isto é, não necessária – segundo as condições em que se situam. Salvo melhor entendimento, Sayer e Corrigan parecem discordar de Shanin e Wada ao sugerirem que Marx, apesar de utilizar, por vezes, um vocabulário evolucionista “vulgar” durante as décadas de 1850 e 1960, já tinha inscrito na sua forma de pensar uma forma anti-evolucionista. Assim, a continuidade entre o Marx desse período e aquele dos anos 1870 e 1880 residiria, fundamentalmente, no desenvolvimento dessa forma anti-evolucionista. Embora a argumentação dos autores seja muito interessante, não há como deixar de considerar os vários escritos jornalísticos em que Marx deixa transparecer posturas simpáticas à colonização. Por outro lado, a preocupação que está no fundo dessa argumentação é pertinente: afinal de contas, Sayer e Corrigan receiam que a ênfase que Shanin e Wada conferem ao “último Marx” acabe por ter “os mesmos efeitos negativos sobre o valor de *O Capital*, o mesmo tipo de efeito negativo que a periodização de Althusser teve por algum tempo nas avaliações dos primeiros escritos de Marx” (Sayer e Corrigan in Shanin, 2017, p. 140).

No estudo que encerra o livro, Teodor Shanin aborda o problema das relações entre marxismo e a realidades periféricas. A forma adotada para enfrentar o problema remete ao seu capítulo anterior: o enrijecimento do marxismo em um conjunto de fórmulas pretensamente científicas dificultou a sua compreensão de realidades que escapam aos seus modelos. Contra essa postura, o autor novamente invoca Marx. Nesse sentido, chama a atenção para o fato de que Lenin, Mao, Gramsci, entre outros, foram capazes de seguir o caminho do filósofo alemão. “Foi a integração com as tradições políticas nativas que demarcou todos os casos conhecidos de geração interna e transformação revolucionária da sociedade, politicamente efetiva, por parte dos socialistas” (Shanin, 2017b, p. 353). Vale chamar a atenção para o fato de que essa linha argumentativa também está presente em autores latino-americanos, como José Aricó (1978, 1982, 1989, 1999), Michael Löwy (2012), Carlos Nelson Coutinho (2007), Bernardo Ricupero (2000), para ficarmos em alguns poucos exemplos.

Como dissemos, outras questões poderiam ser suscitadas a partir do livro organizado por Shanin, que, de maneira fundamentada, traz documentos e estudos que questionam ideias sedimentadas no imaginário intelectual e político a respeito de Marx. Ao fazê-lo, percebe-se o seu esforço crítico e nada conformista. A esse respeito, e para terminar, vale lembrar um dos documentos coligidos no livro, no qual consta uma série de respostas que Marx teria dado a perguntas de suas filhas, Laura e Jenny. Quando perguntado sobre o seu mote favorito, Marx respondeu: *De omnibus dubitandum* – “Duvidar de tudo”. Uma resposta impactante de um intelectual cujo pensamento foi tantas vezes tomado como inquestionável.

## Referências

- ALTHUSSER, L. 1971. *Lenin and Philosophy and other essays*. New York/London, Monthly Review Press, 272 p.
- ALTHUSSER, L. 1975. De *O Capital* à Filosofia de Marx. In: L. ALTHUSSER; J. RANCIÈRE; P. MACHEREY (org.), *Ler O Capital*. Zahar Editores, Rio de Janeiro. p. 11–74.
- ARICÓ, J. 1978. Introducción. In: J. ARICÓ (org.), *Mariátegui y Los Orígenes del Marxismo Latino-Americano*. México D.F., Pasado y Presente, p. XII-LI.
- ARICÓ, J. 1982. *Marx e a América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 164 p.
- ARICÓ, J. 1989. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: E. HOBBSAWN (org.), *História do marxismo – volume VIII*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 419–459.
- ARICÓ, J. 1999. *La hipótesis de Justo – escritos sobre el socialismo en América Latina*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 202 p.
- COUTINHO, C.N. 2007. O marxismo no Brasil. In: I. JINKINGS; J.A. PESCHANSKI (org.), *As utopias de Michael Löwy – reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo, Boitempo Editorial, p. 129–135.
- LÖWY, M. 2012. Introdução – Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: M. LÖWY (org.), *O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, p. 9–63.
- LÖWY, M. 2013. Dialética revolucionária contra a ideologia burguesa do Progresso. In: K. MARX; F. ENGELS, *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo, Boitempo, p. 9–16.
- RICUPERO, B. 2000. *Caio Prado Júnior e a nacionalização do marxismo no Brasil*. São Paulo, Editora 34, 255 p.